

CLÍNICA PSICANALÍTICA E FORMAS DE SUBJETIVAÇÃO CONTEMPORÂNEAS

CLINICAL PSYCHOANALYSIS AND CONTEMPORARY
FORMS OF SUBJECTIVITY

Débora Marcondes Farinati

LIVRO: A FABRICAÇÃO DO HUMANO - PSICANÁLISE, SUBJETIVAÇÃO E CULTURA.

AUTORES: JOEL BIRMAN, DANIEL KUPERMANN, EDUARDO LEAL CUNHA ET AL.

SÃO PAULO: ZAGODONI, 2014. 160P.

Ao criar a psicanálise, Freud o faz a partir da escuta das mulheres de seu tempo. Tempo em que a repressão à sexualidade e a impossibilidade de sua satisfação expressavam-se através dos corpos falantes das histéricas. Embora possamos ver em Freud, por sua genialidade e coragem, um homem *à frente* de seu tempo, é mister admitirmos que ele era, na verdade, um homem *de seu* tempo, o que significa dizer que, ao escutar e teorizar a psicanálise, o contexto histórico cultural em que estava imerso permeou seu pensamento. Dessa forma, a escuta psicanalítica não pode deixar de levar em conta a historicidade e meio no qual se encontra inserida. As novas formas de subjetivação presentes na contemporaneidade vêm exigindo do psicanalista, e da própria psicanálise, novos direcionamentos teórico-clínicos e é nesse sentido que encontramos neste livro contribuições pertinentes às nossas reflexões.

A fabricação do humano - psicanálise, subjetivação e cultura aborda, como destacam os próprios autores, diversas montagens da subjetividade contemporânea através da análise das relações do homem com o mundo em que vive e das produções discursivas que buscam dar sentido a esse mundo. A mesma consiste na reunião de vários ensaios produzidos pelos componentes do Grupo *Psicanálise, subjetivação e cultura contemporânea*, da Associação Nacional de Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP), coordenado pelos doutores Joel Birman e Eduardo Leal Cunha, os quais vêm se dedicando à leitura psicanalítica sobre a cultura, destacando as formas contemporâneas de sofrimento psíquico a partir das categorias freudianas de *mal-estar* e de *desamparo*.

A parte I – “**Modulações da fabricação do humano**” é aberta pelo artigo magistral de Joel Birman, intitulado “Os paradigmas em psicanálise”. A partir do conceito de paradigma em psicanálise, o autor vai demonstrando as diferenças com que a comunidade psicanalítica e a comunidade científica foram historicamente lidando com a apresentação de um novo paradigma. O mecanismo dominante na comunidade psicanalítica é o da exclusão soberana, a saber: a cada nova controvérsia, após intensos embates, a posição tomada é a de excluir do campo da psicanálise aqueles que sustentam um paradigma diverso do dominante. No centro do embate encontra-se o mecanismo da repetição, por meio do

qual a exclusão do oponente é realizada à força. Força essa marcada pela compulsão, uma *compulsão à repetição* como grifa o autor. A relevância de considerarmos este mecanismo, de acordo com Birman, encontra-se no fato de que, se a relação da comunidade com o saber é marcada pela compulsão à repetição, não há espaço para promover a inventividade do saber a qual promoveria o avanço em outros quadrantes teóricos. Ao cristalizar-se a repetição funcionaria como obstáculo teórico no campo da psicanálise.

Ao longo de seu trabalho vai analisando os diversos momentos do movimento psicanalítico, demonstrando a intolerância da comunidade com o reconhecimento das diferenças entre paradigmas. Conclui seu artigo afirmando que os paradigmas em psicanálise são incomparáveis, pois remetem a diferentes objetos teóricos e diversos campos conceituais os quais não são equivalentes; portanto, não existem verdadeiros ou falsos paradigmas, não existindo, assim, a verdadeira psicanálise.

A parte II – “**Identidades e modos de subjetivação**” inicia com o trabalho de Eduardo Leal Cunha intitulado “A dupla face do desmentido na atualidade: entre o aniquilamento do outro e a felicidade em simulacro”. O autor propõe a ampliação do conceito do desmentido para além do registro perverso, explorando a presença desse mecanismo na contemporaneidade. A partir da apresentação de dois personagens ou tipos ideais – predadores e perdedores – cujo funcionamento psíquico deixa claro a presença do mecanismo de desmentido, vai demonstrando como esses transitam na atualidade em um território de fronteira entre o infantil e o monstruoso, marcando as formas contemporâneas de subjetivação de uma cultura marcada pelo espetáculo e pelo simulacro. É no campo da simulação e com base no desmentido que podemos vislumbrar formas insuspeitas de apropriação de poder.

“A função da dor na apropriação do corpo” é o trabalho de Isabel Fortes. A autora busca demonstrar em seu trabalho como a dor na teorização freudiana constitui um elemento essencial para a constituição do corpo. Tanto a dor física quanto a psíquica podem ser indicadores da presença do corpo. Explicita: “o órgão investido pelo hipocondríaco ou uma parte corporal que apresenta uma enfermidade orgânica, propiciam através da dor que produz a percepção de que ali há corporeidade” (p.65). Em não havendo possibilidade de que produções psíquicas evacuem a angústia, quer seja esta neurótica ou psicótica, esta toma o corpo como alvo, fazendo dele o local para expressão da dor. Isabel toma o texto *O Ego e o Id* (1923) para marcar como Freud desenvolve a ideia de que a dor é uma via de conhecimento para o Eu de seu próprio corpo. A autora destaca, ainda, a relevância da dimensão fragmentária do corpo para que possamos pensar a constituição corporal.

Em “Estranhos traslados e traduções: encontros e desencontros em psicanálise” Maurício Rodrigues de Souza, a partir da aproximação entre psicanálise e cinema, propõe uma releitura do filme *Encontros e Desencontros*, escrito e dirigido por Sofia Copola, com o objetivo de trabalhar o tema da alteridade principalmente no que diz respeito ao que é revelado no encontro particular com o inominável de si mesmo através de um estrangeiro. Parte do texto “Das Unheimliche” – O estranho – de

Freud para abordar a dialética entre o estranho mais íntimo e o íntimo mais estranho, este último, segundo o autor, mais vinculado à lógica inconsciente do processo primário. Aponta, a partir de sua análise, que, embora o estranhamento gere angústia, pode vislumbrar uma expressão mais criativa.

Rogério Paes Henriques aborda, em seu texto “O discurso da medicalização e a saúde como ideal: o que há de novo nos ‘novos sujeitos’”, os efeitos da medicalização e da biomedicalização na constituição das subjetividades contemporâneas no sentido de que essas se configuram em semblantes da identificação do sujeito com o ideal proposto pela saúde encarnado pelo discurso médico. De acordo com o autor, tais efeitos levam ao equívoco de considerarmos a existência de novos sujeitos, quando, na realidade, o “o sujeito somático” nada mais é que a nova forma do eu ideal que caracteriza a contemporaneidade. Conclui seu trabalho afirmando que esse sujeito somático confere a ilusória consistência ao mesmo, identificando-o ao corpo biológico (especificamente ao cérebro) alçando-o a mero semblante.

“Novas tecnologias reprodutivas: novas versões dos pais?” é o trabalho de Simone Perelson, que encerra de maneira fecunda a segunda parte da obra que estamos apresentando. A partir do cenário das Novas Tecnologias Reprodutivas, onde casais com problemas de infertilidade e mulheres solteiras recorrem a um doador anônimo de sêmen como recurso a realização do desejo de maternidade e paternidade, propõe pensarmos as múltiplas possibilidades de montagem nos sistemas de filiação. Com esta finalidade, apresenta três hipóteses teóricas, a saber: 1) o doador pode efetivamente ocupar um lugar na montagem da filiação; 2) a ocupação deste lugar não é necessariamente prejudicial à montagem da filiação; e, por fim, 3) a ocupação deste lugar é singular, tanto do ponto de vista clínico quanto teórico, uma vez que esta ocupação pode estar referida ao pai, quer em seu sentido imaginário, simbólico ou real.

A parte III – “**A clínica psicanalítica na contemporaneidade**” é inaugurada pelo artigo de Daniel Kupermann “A via sensível da elaboração na clínica psicanalítica: 30 notas de/para uma pesquisa”. Kupermann toma o famoso caso de Serguei Pankejeff – Homem dos Lobos – com a finalidade de destacar os impasses clínicos encontrados por Freud diante dos chamados casos graves e a consequente necessidade de reformulações em sua teoria da técnica e a produção do conceito de elaboração. Os impasses levantados por Sandor Ferenczi ao famoso caso freudiano revelam a necessidade, segundo Kupermann, de se trabalhar conceitos pouco desenvolvidos por Freud como construção e transferência negativa, os quais somente adquirem consistência tendo a clínica como referência e o conceito de elaboração como elo. Tendo ao longo de seu trabalho recolhido indicadores capazes de sustentar a hipótese de que, a partir de 1914, o objetivo de uma análise é a elaboração, o autor dedica-se a demonstrar como o caminho percorrido por Ferenczi trata de compreender o sentido metapsicológico do conceito de elaboração, enquanto fundamental para uma direção da cura, de forma a inspirar possibilidades de manejo clínico no enfrentamento da clínica psicanalítica contemporânea.

Daniel Menezes Coelho e Joel Birman, em “A transferência na pesquisa em psicanálise – um ponto de vista ético”, contribuem ao debate do tema, abordando o problema da transferência na pesquisa não a partir do ponto de vista de quem a faz, mas de quem ela é depositária. Para os autores, é fato de que a transferência tem lugar na pesquisa e, sendo assim, há autoridade, hierarquia e alienação, há repetição ao dicit, há suposição de saber. Há, igualmente, estrangimentos da ordem do amor e um inconsciente que invade a pesquisa para além de qualquer limite metodológico, o que de imediato leva à dimensão ética inerente a este contexto. E é esta dimensão ética que exige responsabilidade sobre aquele a quem se supõe um saber. Para sustentar suas proposições, percorrem a conceituação de transferência em Freud.

“Ciúme masculino e identificação feminina recalçada”, de Paulo de Carvalho Ribeiro, é o nono capítulo desta obra. Para o autor, na especificidade do ciúme patológico masculino, as fantasias sexuais masoquistas são de especial interesse, pois possuem forte inter-relação com a identificação feminina recalçada, a qual é a fonte primeva do ciúme masculino. Como condição para o desenvolvimento desta temática destaca a teorização freudiana sobre a convergência da atitude masoquista com a atitude feminina e a associação entre ciúme masculino e homossexualidade. A peça teatral “De repente no verão passado”, de Tennessee Williams, serve de ilustração à força da passividade pulsional, seu descompromisso com as forças narcísicas de ligação e sua inserção no domínio do gozo mortífero. Autores como Ferenczi, Jacques André, Laplanche, entre outros, sustentam a tese do autor de que o ciúme no homem é fundamentalmente uma formação de compromisso entre as forças que o impelem no sentido de atender às fantasias de ser subjugado e penetrado, e aquelas que dele exigem a capacidade de dominar e penetrar alguém.

“A necessidade de ser como fundamento ontológico de homem para Winnicott” é o trabalho de Leopoldo Fulgêncio, que encerra em alto nível esta obra brilhante que ora estamos resenhando. O autor parte da importante contribuição de D. Winnicott sobre a questão do ser para apresentar uma nova ontologia da teoria psicanalítica sobre o desenvolvimento emocional. A introdução do tema da integração e da dependência do indivíduo em relação ao ambiente permite, segundo Fulgêncio, levar a psicanálise do campo das ciências naturais (onde Freud a instalou), para o campo das ciências humanas. O autor considera a obra de Winnicott como uma nova proposta de síntese entre os preceitos da fenomenologia e os da psicanálise, a qual direciona a prática clínica no sentido da conquista, por parte do paciente, de uma autonomia para ser e viver a partir de si mesmo.

A relevância dos temas apresentados na obra “A Fabricação do Humano” e a profundidade com que foram tratados pelos autores permite que recomendemos enfaticamente a sua leitura.

*Débora é psicóloga, psicanalista e diretora científica da
Sigmund Freud Associação Psicanalítica.
Email: debfarinati@yahoo.com.br*